

IPV - ESEV |

# Instituto Politécnico de Viseu

## Escola Superior de Educação de Viseu



Instituto Politécnico de Viseu

Escola Superior de Educação de Viseu

Trabalho efectuado sob a orientação de



Aos meus pais, que desempenham o papel mais importante nas etapas da minha vida, dando-me motivação para seguir os meus sonhos. São eles que me dão força para esta luta constante que é a vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Não posso deixar de expressar o meu mais sincero agradecimento às pessoas que, contribuíram para a concretização deste projeto de investigação. Assim, as minhas palavras de consideração e gratidão vão para:

- As orientadoras Professoras Doutoradas Emília Martins e Rosina Fernandes que, foram, sem qualquer dúvida o meu "braço direito", ajudando-me em tudo que lhes foi possível, assim como me orientaram em momentos de maior tensão;
- À Professora Doutora Maria Cristina Canavarro, pela sua importante autorização na utilização do instrumento Embu-C e, também, pelos seus incentivos à realização do trabalho;
- À Professora Doutora Isabel Lacerda, pela sua valiosa autorização na utilização da versão portuguesa do instrumento Embu-A bem como pela sua disponibilidade em prestar informação acerca do mesmo;
- Ao Professor Doutor Pedro Lopes Ferreira, pela autorização do uso da versão portuguesa do instrumento KINDL;
- Aos pais das crianças e adolescentes que deram autorização para os seus educandos participarem na investigação;
- Às crianças e adolescentes que me ajudaram, despendendo o seu tempo para preencherem os questionários, peça fundamental neste trabalho de investigação;
- Aos meus amigos que, desde início, sempre me motivaram, principalmente nos momentos de maior pressão, desânimo e nervosismo;
- E, por fim, agradeço aqueles que são os pilares da minha vida, a quem devo toda a minha formação, que sempre acreditaram em mim e me motivam a seguir o meu caminho: os meus pais.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA.....	3
1. ESTILOS E PRÁTICAS PARENTAIS .....	3
1.1. Conceito de estilos e práticas parentais.....	3
1.2. Práticas parentais de risco.....	6
1.3. Papel da educação parental na mudança de comportamentos parentais .....	7
2. PARENTALIDADE, QUALIDADE DE VIDA E BEM-ESTAR .....	8
2.1. Conceitos de qualidade de vida e bem-estar .....	9
2.2. Relação entre estilos parentais, bem-estar e qualidade vida .....	11
CAPÍTULO II – PLANO DE INVESTIGAÇÃO .....	13
1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO .....	13
1.1. Formulação do problema .....	13
1.2. Formulação de hipóteses.....	14
2. METODOLOGIA .....	14
2.1. Definição e operacionalização das variáveis.....	14
2.1.1. População e amostra .....	15
2.1.2. Instrumentos .....	15
2.1.4. Técnicas estatísticas e grau de confiança.....	17
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS .....	18
3.1. Valores de fiabilidade ( $\alpha$ de Cronbach) .....	18
3.2. ANÁLISE DESCRITIVA.....	18
3.2.1. Qualidade de vida .....	18
3.2.2. Estilos parentais percebidos pelas crianças .....	19
3.2.3. Estilos parentais percebidos pelos adolescentes .....	20
3.3. ANÁLISE INFERENCIAL.....	21
3.3.1. Qualidade de vida em função do género.....	21

3.3.2. Estilos parentais em função do género .....	21
3.3.3. Qualidade de vida em função das pessoas com quem a criança vive .....	22
3.3.4. Estilos parentais em função de com quem a criança vive .....	22
3.3.5. Qualidade de vida e idade .....	23
3.3.7. Estilos parentais e qualidade de vida .....	24
CONCLUSÃO .....	26
BIBLIOGRAFIA .....	27
ANEXOS .....	37
Anexo A - Kid Kindl ( Children) .....	38
Anexo B - Kiddo Kindl ( Adolescents) .....	41
Anexo C - Eгна Minnen Bertraffande Uppfostran - Children version ( EMBU-C) .....	43
Anexo D - Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents ( EMBU-A) .....	45
Anexo E - Pedido de autorização para utilizar o instrumento KINDL .....	48
Anexo F - Pedido de autorização para utilizar o instrumento EMBU - C .....	49
Anexo G - Pedido de autorização para utilizar o instrumento EMBU - A .....	50
Anexo H - Consentimento Informado .....	51

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1-</b> Valor de fiabilidade ( $\alpha$ de Cronbach) para as escalas utilizadas .....	18
<b>Tabela 2-</b> Média e desvio padrão da qualidade de vida em função do género e idade	19
<b>Tabela 3-</b> Média e desvio padrão no Embu C segundo o género.....	20
<b>Tabela 4-</b> Média e desvio padrão no Embu A .....	20
<b>Tabela 5-</b> Comparação da qualidade de vida em função do género (Teste de Mann - Whitney).....	21
<b>Tabela 6-</b> Comparação dos estilos parentais em função do género ( Teste de Mann - Whitney).....	22
<b>Tabela 7-</b> Comparação da qualidade de vida em função de com quem a criança/ jovem vive ( Teste Mann - Whitney) .....	22
<b>Tabela 8-</b> Comparação dos estilos parentais em função de com quem a criança/ jovem vive ( Teste Mann - Whitney).....	23
<b>Tabela 9-</b> Correlações entre qualidade de vida e idade .....	23
<b>Tabela 10-</b> Correlações entre estilos parentais e qualidade de vida .....	24

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**EMBU A** - Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents

**EMBU C** - Egna Minnen Bertröffande Uppfostran - children version

**KINDL** - Fragebogen Zur Lebensqualität von Kindern & Jugendlichen

**RESUMO:**

A literatura tem demonstrado que os pais/ cuidadores têm a grande responsabilidade de promover, orientar, educar os seus filhos. Ao conjunto de valores e atitudes que os pais/cuidadores têm em relação aos filhos chamamos de estilos educativos parentais, estes que têm uma influência clara no desenvolvimento da criança/jovem. Atualmente existindo cada vez mais consciência do valor das crianças, é útil que hajam programas de educação parental, onde os pais ou cuidadores têm a possibilidade de adquirir conhecimentos específicos e estratégias que vão ajudar a promover o desenvolvimento, a qualidade de vida e bem-estar da criança/jovem. Nesta investigação, a qualidade de vida e os estilos educativos parentais não apresentaram diferenças significativas quanto às suas variáveis independentes, porém existem correlações significativas entre a qualidade de vida e os estilos educativos parentais, indo desta maneira ao encontro da literatura científica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estilos educativos parentais; Qualidade de vida; Bem-estar; Crianças e jovens; Educação parental.

**ABSTRACT:** The literature has shown that parents / carers have a great responsibility to promote, guide and educate their children. the set of values and attitudes that parents / carers have towards children call parental educational styles, which have a clear influence on development of children / youth. Currently progressively value-os education programs parents, parents or carers have a chance to acquire knowledge and specific strategies that will help one promote development, quality of life and welfare of the child / youth. This study aims to examine how relationships between parenting styles and quality of life in children / youth, exploring still the relevance of sociodemographic variables. Resorted to a sample of 30 children / young people, between 7 and 16 years, que met the following instruments: kindl (Ferreira et al, 2006), embu-c (Canavarro & Pereira, 2007) and embu a ( Lacerda, 2005). The quality of life and parental educational styles not show significant differences in function of the independent variables considered (gender and persons with whom a child / young lives), however there were significant correlations between the quality of life and age well as between that and the educational styles parenting, going this way to the meeting of literature.

**KEYWORDS:**

Parental Educational Styles; Quality of Life; Children and Youth; Parental Education

## INTRODUÇÃO

Fazendo a revisão da literatura, constatamos que a qualidade dos cuidados parentais tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Dentro das tarefas que compõem a função parental, educar os filhos é provavelmente a mais complexa. O processo educativo apoia-se em determinados valores que pais e mães adotam e assumem. Ao conjunto de estratégias que utilizam para alcançarem o que desejam para os seus filhos, denomina-se práticas educativas parentais (Bem & Wagner, 2006). Porém, é curioso notar que, apesar de atualmente assistirmos a uma preocupação quanto às funções parentais, cada vez mais vemos os pais/mães preocupados, não se arriscando a educar, na medida em que não se sentem no direito de vir a errar junto das crianças (Kamers, 2006).

Os estilos educativos parentais são determinantes na vida e no desenvolvimento dos filhos, pois podem ser importantes preditores do comportamento ao longo do crescimento até à idade adulta, e futuramente enquanto pais/mães (Soares, 2012). Entende-se, assim, a importância destes terem conhecimento acerca das consequências do estilo educativo que adotam, fazendo sentido que haja uma intervenção feita com os pais/mães, pois esta é a possibilidade de uma aplicação direta do conhecimento sobre os estilos parentais (Weber, Prado, Viezzer, & Branderburg, 2004). Todos os estilos educativos parentais têm consequências no desenvolvimento da criança ou jovem. Assim, torna-se pertinente aprofundar estes conhecimentos. Desta feita, elegemos esta temática para o desenvolvimento do projeto final do mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, tendo por objetivo geral analisar as relações entre os estilos parentais e a qualidade de vida em crianças e jovens, tentando perceber a influência de algumas variáveis sociodemográficas.

Este projeto encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos uma revisão da literatura, onde abordamos conceitos importantes desta temática (estilos e práticas parentais), bem como enunciamos as suas consequências no desenvolvimento da criança ou jovem, com particular destaque para o trabalho pioneiro de Diana Baumrind, impulsionadora do estudo dos estilos educativos parentais. Referenciamos as práticas parentais de risco e o papel primordial da educação parental. Concluimos esta componente teórica com a relação existente entre estilos educativos parentais, bem-estar e qualidade de vida em crianças e jovens.

Na segunda parte, apresentamos o trabalho prático, onde desenvolveremos o estudo realizado, este que tem como objetivo perceber qual a relação entre estilos parentais e qualidade de vida em crianças e jovens, entendendo como estas variáveis se comportam em função da idade, género e pessoas com quem a criança/ jovem vive. Por fim, expomos as principais conclusões que se possam extrair de todo o trabalho realizado, sem esquecer pistas futuras para o desenvolvimento desta temática.

## **CAPÍTULO I – REVISÃO DA LITERATURA**

### **1. ESTILOS E PRÁTICAS PARENTAIS**

#### ***1.1. Conceito de estilos e práticas parentais***

A família tem um papel essencial no desenvolvimento da criança, nomeadamente no âmbito da transmissão de valores, crenças e princípios, estabelecendo ainda normas e regras de comportamento. Palonia e Dessen (2007) referem que a família é considerada a primeira instituição social, que procura assegurar o bem-estar e a proteção dos seus membros. Na família podemos identificar diferentes subsistemas, onde cada um tem tarefas e funções específicas vitais para o seu desenvolvimento. O subsistema parental surge com o nascimento dos filhos, sendo desempenhadas funções ligadas à educação, proteção, socialização e desenvolvimento das gerações mais novas. Porém, a ação de quem educa é guiada pelos valores e costumes onde se está inserido, valores estes que determinarão as imagens da criança ideal de determinado contexto sócio-histórico-cultural e que irão influenciar os objetivos da educação (Oliveira & Caldana, 2004). Educar uma criança é uma tarefa difícil e desafiante. Ferrari (2015) refere que os pais/mães têm um papel crucial na educação dos seus filhos, pois são os responsáveis por legitimar ou excluir conhecimentos e valores adquiridos pelas crianças. Convém salientar que este papel crucial dos pais/mães se encontra no artigo 18º da Convenção dos Direitos da Criança, ratificada por Portugal em 1990, em que a responsabilidade de educar a criança e assegurar o seu desenvolvimento cabe principalmente aos pais/mães, devendo o Estado ajudá-los a exercer esta responsabilidade.

Os pais/mães assumem diferentes estilos na educação dos filhos. Guerreiro (2013) define estilo parental como “o conjunto de valores e atitudes dos pais em relação aos seus filhos, no qual estão implicadas as práticas parentais”, ou seja, as estratégias utilizadas pelas figuras parentais para incentivar ou suprimir comportamentos do filho, onde se incluem o tom de voz, a linguagem corporal e expressões espontâneas. A preocupação com as práticas parentais decorre da consciência das possíveis consequências psicológicas dos métodos usados na educação de uma criança (Newson & Newson, 1974, cit. por Oliveira & Caldana, 2004). Weber, Prado, Viezzer, e Branderburg (2004) referem que a maneira mais apropriada dos pais/mães se relacionarem e educarem os seus filhos, tem sido muito

pesquisada nas últimas décadas, e é o estudo dos estilos educativos parentais que trata deste assunto de forma objetiva, investigando assim o conjunto de comportamentos dos pais/mães que cria um clima emocional em que se expressam as interações pais/mães-filhos, tendo como base a sua influência em aspetos comportamentais, emocionais e intelectuais dos filhos.

Destacamos um estudo longitudinal apontado por Guerreiro (2013) e desenvolvido com crianças, por Diana Baumrind, na década de 60, que levou à identificação de três principais estilos educativos parentais: (1) autoritário - pais/mães exigentes, duros e rígidos, que valorizam uma obediência absoluta, recorrendo a medidas punitivas, para que a criança se comporte e aceite o que os mesmos entendem por correto; (2) permissivo – pais/mães permissivos que agem de uma forma não punitiva, fazem poucas exigências a nível da responsabilidade e comportamento da criança, sendo vistos como um recurso para satisfazer os desejos da criança, mas não servem como modelo para imitar; neste estilo, há poucas exigências permitindo que a criança regule as suas próprias atividades, perante um evitamento do uso do poder enquanto pais/mães; e (3) autoritativo ou democrático – pais/mães autoritativos valorizam a obediência mas também a autonomia, exercendo assim um controlo consistente quando existem divergências, mas sem recurso a restrições excessivas, aplicam regras e explicam o porquê de estas existirem, reconhecem o interesse da criança, mas também sabem exercer o controlo e autoridade quando existem conflitos; este estilo torna-se o mais benéfico para o desenvolvimento social, intelectual, moral e emocional da criança (Guerreiro, 2013).

Maccobi e Martin (1983, cit. por Cassoni, 2013) acrescentam, no âmbito do estilo educativo permissivo, dois novos sub-estilos: o negligente e o indulgente. No primeiro, negligente, os pais/mães estão centrados nos seus próprios interesses, demonstram escasso envolvimento com a tarefa de socialização do filho e tendem a responder apenas às necessidades básicas da criança. Guerreiro (2013) refere-se a uma ausência de supervisão e interesse por parte dos pais/mães em relação à vida do filho, sem exigência de responsabilidade nem encorajamento à independência. No segundo, o estilo indulgente, os pais/mães não estabelecem regras nem limites, sendo extremamente tolerantes e permitindo que a criança comande o seu comportamento. São afetivos e comunicativos, mas satisfazem apenas as vontades da criança.

Segundo Weber et al. (2004) as famílias negligentes são englobadas no estudo sobre estilos educativos parentais, contudo é útil referir que existe diferença entre estilo negligente e negligência abusiva. Esta última é considerada pela literatura uma

forma de mau trato, pois a "negligência consiste na privação crónica da satisfação das necessidades básicas de higiene, alimentação, afeto, educação, saúde e vigilância da criança, que pode pôr em causa o crescimento e o desenvolvimento normais" (Rodrigues, 2008, p. 35).

Porém, a negligência não é apenas a única forma de mau trato. O abuso sexual, o mau trato físico, o mau trato psicológico/emocional e a síndrome de *Munchausen* por procuração (esta síndrome diz respeito à atribuição à criança, por parte de um elemento da família ou cuidador, de sinais e sintomas vários, com o intuito de convencer os médicos que existe uma doença), são outras formas de mau trato.

A família pode então ser vista tanto como fator de risco como de proteção. É considerada fator de risco quando, entre outros aspetos é disfuncional, há uma ausência de suporte sócio - familiar, existem relações conflituosas, assim como a disciplina é demasiado rígida e autoritária. Podendo estes fatores colocar a criança em risco, percebe-se a importância de existir uma intervenção junto dos pais/mães ou cuidadores, que tem como objetivo colaborar com os mesmos no desenvolvimento das competências parentais (Leça et al., 2011). Segundo estes autores, as boas competências parentais, a boa rede de suporte familiar e social, uma família organizada, com regras e controlo da criança, são fatores de proteção, ou seja, fatores que apoiam e favorecem o desenvolvimento individual e social e podem remover ou minorar o impacto dos fatores de risco.

Face ao exposto, e fazendo a revisão da literatura, o estilo educativo autoritativo/democrático é aquele que traz mais vantagens, pois as crianças educadas neste estilo apresentam níveis mais elevados de maturidade, assertividade, autonomia e responsabilidade social. Rivero (2006) refere ainda que pais/mães que adotem este estilo parental têm filhos com maior sucesso escolar e social. Neste contexto convém ainda referir que fatores como o nível socioeconómico, a idade e género dos filhos, bem como a ordem do nascimento podem influenciar os estilos educativos parentais (Tavares, 2010).

Sampaio (2007) refere que nem sempre existe uma ligação entre a variável género da criança e os estilos educativos parentais. Alguns fatores podem promover diferenças significativas nos estilos parentais face ao género, como por exemplo, o tipo de relação que as meninas e os meninos têm com a sua mãe ou com o pai, fatores como com quem os filhos se identificam mais, as expectativas que os próprios pais/mães têm face ao sexo do seu bebé e a comunicação que é estabelecida entre ambos. Também Nunes, em 2015, no seu trabalho de investigação sobre *Estilos*

*Parentais e Stress Parental em Pais com Crianças em Idade Precoce*, não obteve diferenças significativas nos estilos parentais em função do género da criança. Não será certamente só o género que determina o estilo parental do pai ou da mãe.

No que se refere à idade, existem alguns estudos que demonstram que as crianças mais velhas, comparativamente às mais novas, são sujeitas a mais tarefas promotoras de autonomia e a menos práticas punitivas (Roskam & Meunier, 2009, cit. por Arsénio, 2012). Soares e Almeida (2011) relatam um estudo feito por Goede, Branje e Meeus, em 2009, onde os dados revelaram que no decorrer da adolescência, a relação pais/mães-filhos torna-se mais igualitária, percecionando-se um menor controlo e autoridade parental. De acordo com os autores, também, a perceção do suporte parental por parte dos jovens parece sofrer a influência da idade.

Grigorenko e Sternberg (2000, cit. por Arsénio, 2012) considera que homens divorciados, comparativamente aos casados adotam com mais frequência estilos parentais do tipo negligente e permissivo. Verificaram também que os pais/mães coabitantes não casados, não são tão supervisores dos filhos como os pais/mães casados, por isso, são menos autoritários, apresentando um estilo parental mais permissivo e negligente. Horn (2006, cit. por Gomes, 2010) refere que existem estudos que apontam que as crianças que nascem em famílias de pais/mães casados têm menos probabilidade de experienciar situações de instabilidade familiar, em relação àquelas que nascem em famílias de pais/mães não casados.

### **1.2. Práticas parentais de risco**

Cruz, Salvado e Gamelas (1994, cit. por Silva, 2009) referenciam que as práticas parentais refletem concepções pessoais acerca da criança e dos aspetos relativos à sua educação e desenvolvimento. Estas concepções são determinadas por vários fatores. De acordo com os mesmos autores, as famílias em risco psicossocial encontram-se economicamente mais vulneráveis, apresentando frequentemente poucas competências parentais associadas a oportunidades condicionadas. Porém, segundo os autores, não é apenas a vulnerabilidade económica que afeta o desempenho das funções parentais, destacando-se ainda o *stress*, o isolamento social, o baixo nível de instrução, a baixa auto estima, a falta de autocontrolo, entre outros. São fatores que podem desencadear práticas parentais de risco.

Hoffman (1975, cit. por Macarini, Martins, Minetto, & Vieira, 2009) menciona que existem duas categorias de práticas parentais: as indutivas e as coercivas. As

práticas indutivas caracterizam-se pela indicação à criança das consequências do seu comportamento, favorecendo a interiorização de padrões morais, uma vez que propiciam à criança a compreensão dos motivos que justificam a necessidade de mudança de comportamento. Por sua vez, segundo os autores, as práticas parentais coercivas apelam à punição física, às ameaças, à privação de afetos e impedem a criança de compreender as implicações do seu comportamento, baseando-se num controlo sancionado.

Ceballos e Rodrigo (1998, cit. por Silva, 2009) apresentam quatro estilos de práticas parentais de risco: (1) a disciplina incoerente, onde os pais/mães assumem uma pauta inconsistente nas suas intervenções educativas, demonstrando falta de consistência nas suas atuações, existe desacordo entre os progenitores que cedem muito facilmente às pressões e alteram de forma imprevisível as suas expectativas e reações, premiando assim comportamentos desajustados; (2) a disciplina colérica ou explosiva, que utiliza estratégias punitivas como o bater, ameaçar e gritar, levando a criança a responder de modo desafiante ou atacante, existindo episódios conflituosos entre pais/mães e filhos, onde aqueles utilizam o castigo e as humilhações, aliás, o exemplo mais extremo deste tipo de prática educativa são os maus tratos infantis, com implicações negativas sérias nos vários níveis de funcionamento do indivíduo (social, emocional, comportamental e cognitivo); (3) a disciplina com pouca implicação e supervisão, que se refere a pais/mães que não demonstram preocupação com a educação dos seus filhos, nem demonstram interesse em controlar e supervisionar as tarefas dos mesmos, desconhecendo assim o tipo de atividades que executam, o grupo de amigos ou o rendimento escolar; e, finalmente, (4) a disciplina rígida e inflexível que está associada a estratégias desajustadas à idade, estilo de comportamento ou tipo de problema implicado na situação do conflito, neste caso, não há um ajustamento de intensidade da disciplina em função da gravidade do comportamento, nem a utilização de estratégias de negociação de conflitos.

### ***1.3 Papel da educação parental na mudança de comportamentos parentais***

Atualmente, existe uma maior consciência do valor das crianças, pois verifica-se um grande interesse, importância e curiosidade pelas mesmas, sendo possível identificar preocupações a nível emocional e psicológico, onde se procura acompanhar crianças vítimas de maus tratos, discriminações, com necessidades educativas especiais, institucionalizadas, etc. (Reis, 2009).

A atenção ao mau trato infantil assume um papel decisivo no âmbito da proteção à infância, constituindo por isso uma preocupação social. A maioria das intervenções propostas assenta no apoio familiar e parental supondo que mudanças na parentalidade poderão atenuar esta preocupação social. Os programas de educação parental têm assumido uma importância na intervenção para a mudança de comportamentos parentais e de relação pais/mães-filhos. A educação parental refere-se a uma variedade de intervenções desenhadas com o objetivo de promover estratégias parentais positivas, capacitando os pais/mães para exercerem melhor a sua parentalidade (Coutinho, Santos, & Gaspar, 2012).

O apoio prestado aos pais, através de programas de intervenção ou aconselhamento, em matéria de educação parental, tem como objetivo responder às necessidades específicas da educação, promoção do bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos jovens (Lima et al., 2010). Por ser necessário que os pais/mães saibam exercer de modo ajustado funções básicas educativas, percebe-se a importância destes programas, que se encontram indigitados no artigo 41º da atual Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, Lei 142/ 2015 de 8 de Setembro, segunda alteração aprovada pela Lei n.º 147/ 99, de 1 de Setembro.

1- Quando sejam aplicadas as medidas previstas nos artigos 39º e 40º, os pais ou os familiares a quem a criança ou o jovem sejam entregues podem beneficiar de um programa de formação visando o melhor exercício das funções parentais.

"Os programas de Formação ou de Treino de Competências Parentais parecem constituir excelentes oportunidades para melhorar os níveis de informação bem como as competências educativas parentais" (Coutinho, 2004, p.56-57). Se os pais/mães souberem exercer positivamente as suas funções é muito provável que a criança ou jovem se desenvolva de uma forma saudável, pois cabe aos pais proporcionar cuidados e atenção regular às suas crianças.

## **2. PARENTALIDADE, QUALIDADE DE VIDA E BEM-ESTAR**

Como vimos, a parentalidade está ligada à experiência de se tornar pai/mãe e refere-se aos papéis e funções parentais (Dittmers, 2007). Segundo Barroso e Machado (2010) a parentalidade é o conjunto de tarefas que os pais/mães executam para facilitar o desenvolvimento dos seus filhos a nível físico, psicológico e social. Refere-se ao conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais/mães ou

substitutos) junto dos filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade (Cruz, 2005, cit. por Borges, 2010).

Com efeito, a família é o mais importante contexto interpessoal para o desenvolvimento humano, tendo as relações familiares uma influência significativa sobre o desenvolvimento, qualidade de vida e bem-estar da criança (Borges, 2010), como veremos em seguida.

### **2.1. Conceitos de qualidade de vida e bem-estar**

A forma como se aborda o conceito de qualidade de vida depende dos interesses de cada estudo e área científica. Alguns autores descrevem qualidade de vida como sinónimo de saúde, por sua vez, outros consideram este conceito mais abrangente incluindo outras dimensões para além da saúde (Pereira, Teixeira, & Santos, 2012). Nobre (1995), diz que a qualidade de vida deveria ser definida como algo inerente ao indivíduo, às suas características mais pessoais, tanto em aspetos mais constitucionais de natureza hereditária, como em aspetos adquiridos ao longo da vida, algo que só o indivíduo possa avaliar. Sendo assim, a qualidade de vida foi definida como sensação íntima de conforto, bem-estar ou felicidade no desempenho de funções físicas, intelectuais e psíquicas. De uma forma geral, "a qualidade de vida é uma condição eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental" (Minayo, Hartz, & Buss, 2000, p.8).

É um objetivo geral, principalmente na área da saúde, assegurar às crianças um padrão de vida que lhes permita os desenvolvimentos físico, mental e social adequado (Prebianchi, 2003). É relevante lembrar, que na convenção sobre os Direitos da Criança, ratificada por Portugal em 1990, está reconhecido, no artigo 27, que a criança tem direito a um nível de vida adequado ao seu desenvolvimento físico, mental, espiritual, moral e social. Todos estes aspetos são essenciais à qualidade de vida de crianças e jovens, por isso entende-se a necessidade de existir uma proteção e promoção para a assegurar. Gaspar e Matos (2008) referem que, identificar crianças em risco de um nível baixo de bem-estar e uma saúde pobre é, principalmente, importante para os mais novos, uma vez que as crianças são frequentemente incapazes de se proteger de uma saúde e condições de vida desfavoráveis. Deste modo, a avaliação da qualidade de vida relacionada com a saúde nas crianças e adolescentes é valiosa para identificar grupos que estão em risco, com problemas de

saúde, podendo também auxiliar na definição do peso associado a cada doença ou incapacidade específica. Esta avaliação é feita através de instrumentos que foram desenvolvidos para estimar a qualidade de vida relacionada com a saúde em crianças e adolescentes.

Um conceito em estreita ligação com o de qualidade de vida é o de bem-estar, que inclui a dimensão física, emocional e social. Contudo, a multiplicidade de noções de bem-estar que existem e o problema de entender como elas se diferenciam e se relacionam torna-se evidente quando se faz pesquisas sobre o tema (Alanen, 2010). A noção de bem-estar é subjetiva, cada pessoa é diferente e tem necessidades diferentes, o que é bom para uns, pode não ser bom para os outros. Gasper (2004, p.2) menciona que “bem-estar refere-se ao estado dos indivíduos que estão bem”. Já a Organização Mundial de Saúde (2001, cit. por Contente, 2012) salienta que saúde não é apenas a ausência de doença, trata-se de um estado completo de bem-estar físico, mental e social.

Na recente década, a situação das infâncias contemporâneas e o bem-estar das crianças tornaram-se uma preocupação constante no discurso público e em debates políticos por toda a Europa. A UNICEF (nomeadamente o Fundo das Nações Unidas para a Infância), desenvolveu indicadores de bem-estar, a fim de monitorar regularmente a situação das crianças do mundo. A saúde, a educação, a segurança económica, bem como comportamentos problema, são fatores pertencentes ao bem-estar da criança (Alanen, 2010).

Trindade e Teixeira (1998) referem ainda que existe uma relação entre os fatores familiares e a saúde, qualidade de vida e bem-estar das crianças e dos adolescentes, pois aspetos do funcionamento ou disfuncionamento familiar podem ter um impacto significativo nestas dimensões. Tanto os contextos escolares, como os amigos, são igualmente importantes no desenvolvimento das crianças e jovens, influenciando assim a sua qualidade de vida e bem-estar. Os estudos no âmbito do bem-estar (variável relacionada com a qualidade de vida) em crianças são recentes e devem focar-se também na relação entre as variáveis intrapessoais (ex.: autoconceito) e as sociodemográficas (género, idade e estatuto socioeconómico), sendo que estas últimas tendem a contribuir apenas moderadamente para o bem-estar. Porém, as estratégias de *coping*, a orientação positiva para a vida, o suporte social, o autoconceito e a educação parental, são fatores de relevo que influenciam a qualidade de vida em crianças e adolescentes (Gaspar, Matos, Ribeiro & Leal, 2006).

## **2.2. Relação entre estilos parentais, bem-estar e qualidade vida**

Depois desta breve incursão pelos conceitos de parentalidade, qualidade de vida e bem-estar, resta-nos explorar a relação entre os mesmos. Nesta relação, outras variáveis desempenham um papel de relevo, nomeadamente a autoestima, o otimismo, as emoções, entre outras, como veremos em seguida.

As práticas educativas utilizadas pelos pais/mães, como o suporte emocional, o interesse, a gestão de conflitos ou a restrição de autonomia, influenciam o comportamento da criança/adolescente que, por sua vez, irá influenciar a sua autoestima. De facto, a funcionalidade familiar pode construir sentimentos de competência e valor que irão contribuir para o desenvolvimento de uma autoestima positiva (Dias, 2013). Importa referir que a autoestima se refere ao conjunto de atitudes que cada pessoa tem sobre si própria, bem como ideias positivas ou negativas sobre si (Mosquera & Stobâus, 2006, cit. por Dias, 2013). Uma autoestima positiva é essencial para o desenvolvimento das crianças, sendo fundamental no âmbito do bem-estar e qualidade de vida das mesmas. É através da aceitação, disciplina, saber ouvir, e estabelecer limites no comportamento que se constrói uma boa autoestima. Ajudar a criança a crescer com uma forte autoestima é um dos aspetos mais importantes que pais/mães e educadores executam, pois crianças com uma elevada autoestima são capazes de enfrentar os seus desafios, resistem melhor à frustração e propõem-se à realização de tarefas (Lucca, 2004).

As crianças e os adolescentes desenvolvem-se no seio de um contexto familiar, sendo influenciados pelas características de pessoas significativas desse contexto (Gaspar, Matos, Ribeiro, & Leal, 2006). A família desempenha um papel de extrema importância no desenvolvimento da criança, pois é através dela que se tornam adultos. É à família que cabe executar funções essenciais que irão desencadear o desenvolvimento da criança, funções que passam pelo amor e afeição, pelos cuidados diários e a manutenção da saúde e qualidade de vida, o desenvolvimento da identidade, a socialização, o desenvolvimento educativo, entre outras.

Posto isto, interessa referir que o estilo parental autoritativo/democrático é aquele que apresenta nos estudos publicados, as médias mais elevadas de otimismo nas crianças/adolescentes, por sua vez, o negligente apresenta o oposto. Com efeito, as crianças que vêm os seus pais/mães como exigentes e responsáveis, são aquelas que mostram mais otimismo. Esta relação pode explicar-se pelo facto dos pais/mães

autoritativos saberem definir limites e regras como também compreender os filhos, explicando os porquês e envolvendo-se nas suas vidas, ensinando assim quais são as regras e limites para obter sucesso (Weber, Brandenburg, & Viezzer, 2003). Bowlby (1973, cit. por Simões, 2011) acrescenta que um ambiente familiar que seja caracterizado por um controlo ou superproteção em excesso, está associado a diversos problemas, como a ansiedade. Aliás, Lankard (1995) refere que quando a família apresenta um envolvimento negativo, aumenta o nível de ansiedade dos filhos. Estas famílias normalmente são compostas por pais/mães controladores e dominadores que forçam os seus filhos a seguir as orientações parentais. Estes, quando não conseguem, sentem-se culpados. Por sua vez, um estilo educativo parental caracterizado por afeto e suporte, tornará mais provável que a criança se relacione com uma vinculação segura, vinculação esta que se associa a um estilo parental onde existe sensibilidade, afeto, responsividade e suporte às necessidades da criança. Verifica-se assim que a parentalidade tem efeito em variáveis relacionadas com a qualidade de vida e bem-estar, como o otimismo, a ansiedade, a vinculação, entre outras.

Uma investigação levada a cabo por Dias (2013), mostra-nos que o domínio físico da qualidade de vida dos filhos está positivamente relacionado com o suporte emocional da mãe. Contudo, quanto maior for a sobreproteção do pai, menor será a perceção da qualidade de vida no domínio físico dos filhos. De acordo com o mesmo estudo, relativamente, ao domínio psicológico da qualidade de vida, quanto maior for o suporte emocional tanto da mãe como do pai, maior será a perceção da qualidade de vida no domínio psicológico dos filhos.

Paula (2012) refere que os estilos educativos parentais influenciam também as emoções dos filhos. A inteligência emocional define-se como a capacidade de identificar, gerir e reconhecer sentimentos. Alegre e Benson (2010, cit. por Paula, 2012) salientam que pais/mães que ignoram frequentemente os seus filhos, que executam uma disciplina rigorosa e que estabelecem uma má comunicação, irão desenvolver nos filhos menores índices de inteligência emocional, que têm implicações na eficácia ao nível de respostas aos problemas. Alzina (2000, cit. por Paula, 2012) considera que uma pessoa emocionalmente inteligente é aquela que sobrealimenta os aspetos positivos, que estabelece um equilíbrio entre a tolerância e a exigência, que é capaz de reconhecer, exprimir e controlar os seus sentimentos e emoções, que cultiva a sua autoestima, a motivação e o interesse pelos outros. É alguém que faz aumentar a sua qualidade de vida e bem-estar.

Sabendo que o exercício da parentalidade é uma tarefa complexa, é necessário que os pais/mães potencializem as suas competências e promovam práticas educativas parentais positivas. Para além de ser essencial que os pais satisfaçam as necessidades básicas de sobrevivência e saúde, é também importante que proporcionem aos seus filhos um mundo físico e social seguro, que permitam à criança o contacto com este mundo e que satisfaçam igualmente as necessidades de afeto, segurança e confiança, promovendo assim a sua qualidade de vida e bem-estar (Silva & Esteves, 2012).

## **CAPÍTULO II – PLANO DE INVESTIGAÇÃO**

### **1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO**

A família é essencial na vida de todos nós, porém, ela tanto pode determinar aspetos de proteção como de risco. Existem diferentes estilos parentais, dependendo da forma como os pais/mães ou cuidadores exprimem a autoridade, bem como o grau de amabilidade e tolerância com os filhos, sendo que cada estilo educativo parental contribui, de modo diferenciado, para determinar o desenvolvimento e socialização da criança e do adolescente (Weber & Cols, s.d). Tendo as relações familiares uma influência significativa no desenvolvimento, qualidade de vida e bem-estar das crianças e jovens, evidenciam-se como temática de interesse para a investigação. Nesse sentido, fizemos a opção pelo presente estudo, tendo como objetivo analisar as relações entre os estilos parentais e qualidade de vida em crianças e jovens, em função de variáveis sociodemográficas.

#### ***1.1. Formulação do problema***

Definiu-se, neste projeto de investigação, o seguinte problema de estudo:

Qual a relação entre estilos parentais e qualidade de vida em crianças e jovens e como se comportam estas variáveis em função da idade, género e pessoas com quem a criança/jovem vive?

## **1.2. Formulação de hipóteses**

Tendo em conta o problema e a revisão da literatura, formularam-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Não existem diferenças significativas na qualidade de vida em função do género.

Hipótese 2: Não existem diferenças significativas nos estilos parentais em função do género.

Hipótese 3: Não existem diferenças significativas na qualidade de vida em função das pessoas com quem vive a criança ou jovem.

Hipótese 4: Não existem diferenças significativas nos estilos parentais em função das pessoas com quem vive a criança ou jovem.

Hipótese 5: Não há correlações significativas entre a idade e a qualidade de vida.

Hipótese 6: Não há correlações significativas entre a idade e os estilos parentais.

Hipótese 7: Não há correlações significativas entre os estilos parentais e a qualidade de vida.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1. Definição e operacionalização das variáveis**

Rauen (2012) define variáveis por quaisquer eventos, situações, características individuais ou comportamentos que assumem pelo menos dois valores discriminativos, sejam eles qualitativos ou quantitativos. O mesmo autor indica que as variáveis têm a possibilidade de serem classificadas como independentes (consideradas a causa de um efeito, ou seja, são aquelas que se introduzem intencionalmente para verificar a relação e o comportamento de outras variáveis) e dependentes (considerada efeito de uma causa, ou seja, são aquelas cujo comportamento se quer verificar em função das oscilações das variáveis independentes).

Neste trabalho de investigação as variáveis independentes são:

- Género, operacionalizado em feminino e masculino;
- Idade em anos;

- Pessoas com quem a criança/ jovem vive, operacionalizada em vive com ambos os pais e vive em outras situações.

As variáveis dependentes:

- Qualidade de vida, operacionalizada pelo score total e pelas subescalas do Kindl (Fragebogen Zur Lebensqualität von Kindern & Jugendlichen)
- Estilos educativos parentais, operacionalizados pelo score total e subescalas do EMBU-C (Egna Minnen Bertråffande Uppfostran - Children version) e EMBU-A (Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents).

### **2.1.1 População e amostra**

É necessário começar por fazer a distinção entre população e amostra. Afonso e Nunes (2011) referem que muitas vezes não é viável nem desejável inquirir todos os elementos da população que se pretende estudar, principalmente quando o número de elementos da população é muito elevado. Daí que se inquiria um subgrupo que seja representativo da população, ou seja, recolhe-se uma amostra. Portanto, designa-se por amostra o subgrupo da população selecionado para análise. População refere-se ao grupo de todos os elementos que se pretendem estudar e que possuem uma ou mais características em comum.

Nesta investigação, a amostra, de conveniência, foi obtida na população de crianças e jovens do distrito de Viseu e ficou constituída por 30 crianças/jovens, entre os 7 e 16 anos, com uma idade média de 10,37 anos ( $\pm 3, 124$ ), sendo 17 do género feminino e 13 do género masculino.

### **2.1.2 Instrumentos**

Neste estudo foram utilizados 3 instrumentos:

A versão portuguesa do *Fragebogen Zur Lebensqualität von Kindern & Jugendlichen* (KINDL), que tem como objetivo medir a qualidade de vida relacionada com a saúde infantil, adaptada e validada por Ferreira, Almeida, Pisco e Prisco, em 2006. Este questionário é dirigido a crianças, adolescentes e respetivos pais/mães, tendo-se utilizado apenas as subescalas para crianças e adolescentes. Trata-se de um

instrumento com seis dimensões: bem-estar físico, bem-estar emocional, auto estima, família, amigos e escola. As pontuações totais e por dimensão são apresentadas numa escala de orientação positiva de 0 (pior qualidade de vida) a 100 (melhor qualidade de vida). Cada dimensão é constituída por 4 questões, que são respondidas numa escala de *Likert* de 1 a 5 (1- nunca, 2 - raramente, 3- às vezes, 4 - frequentemente e 5 - sempre). O instrumento encontra-se no Anexo A.

*Egna Minnen Bertröffande Uppfostran - Children version* (EMBU-C), cuja versão original foi elaborada por Castro, Toro, Van Der Ende e Arrindell (1993). Neste trabalho utilizou-se a versão portuguesa do Embu-C (EMBU Crianças), de Canavarro e Pereira (2007). Este instrumento (Anexo B) tem como objetivo avaliar a perceção que as crianças, entre os 6 e 12 anos, têm dos estilos educativos dos seus progenitores. Tem 32 itens, avaliados numa escala tipo *Likert* de 4 pontos, desde *Não, nunca* a *Sim, sempre*, que correspondem a três dimensões: *Suporte Emocional* (14 itens), *Rejeição* (8 itens) e *Tentativa de controlo* (10 itens). A primeira dimensão refere-se à disponibilidade afetiva e física dos progenitores, à comunicação dos afetos e a comportamentos que manifestam a aceitação da criança por parte dos pais; a segunda é constituída por itens relativos à hostilidade física e verbal dos pais/mães para com a criança e comportamentos de rejeição; por fim, a terceira dimensão corresponde a comportamentos que têm por objetivo o controlo do comportamento da criança, a adesão do comportamento da criança às expectativas dos pais/mães, com o recurso, inclusive, a estratégias de indução de culpa e a comportamentos de sobre proteção. Em cada item, a criança responde reportando-se ao pai e à mãe. Para averiguar a fiabilidade do EMBU C, foram realizadas análises de consistência interna pelos autores. Os valores do coeficiente alfa de *Cronbach* encontrados (0.62 e 0.85) são considerados aceitáveis.

O *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (Embu-A) pretende avaliar a perceção que os adolescentes entre 12 e 17 anos têm acerca dos estilos parentais dos seus pais/mães e foi validado para a população portuguesa por Lacerda (2005). Este questionário (Anexo C) tem 48 itens que avaliam três dimensões, por reporte ao pai e à mãe: *Rejeição* - refere-se a comportamentos parentais que visam modificar o comportamento dos filhos que, por sua vez, se sentem pressionados a comportarem-se de acordo com o desejo dos pais/mães; *Suporte emocional* - foi descrito como as práticas parentais que encorajam o filho a sentir-se bem na presença dos pais/mães, reforçando a ideia de que é valorizado como pessoa, através de aprovação, encorajamento, ajuda, compreensão, expressão verbal e física de amor e

carinho; e *Sobre proteção* - refere-se às práticas parentais de proteção excessiva em relação a experiências indutoras de *stress* e adversidade (Conceição, 2012). Os índices de consistência interna (alfa de Cronbach) obtidos na aferição variaram entre os 0.73 e os 0.94.

Os pedidos de autorização aos autores foram enviados por forma a se avançar com a sua utilização (Anexos D, E e F).

### **2.1.3. Procedimento**

A recolha de dados foi realizada após autorização dos respetivos encarregados de educação (Anexo G), tendo-se procedido a aplicação direta dos questionários, entre os meses de fevereiro e maio de 2016.

### **2.1.4. Técnicas estatísticas e grau de confiança**

Para se fazer a análise e tratamento dos dados, recorreu-se ao programa informático *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) para o Windows, versão IBM 23, assumindo-se um nível de significância de  $p \leq .05$ , valor de referência na investigação em ciências sociais e humanas.

Neste projeto de investigação utilizámos as seguintes técnicas descritivas e inferenciais, em função das características da amostra e natureza das variáveis: média e desvio padrão para as técnicas descritivas e utilizámos o teste Mann-Whitney, na análise inferencial, pois é o teste que avalia duas amostras independentes com vista a perceber se existem diferenças significativas. Usámo-lo para realizar as análises comparativas em função do género e com quem a criança/jovem vive. Quanto à idade, foram utilizadas correlações (coeficiente de correlação de *rho* de *Spearman*).

Importa referir, que os testes de normalidade e homocedasticidade implicaram a opção por técnicas não paramétricas.

### 3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

#### 3.1 Valores de fiabilidade ( $\alpha$ de Cronbach)

Previamente às análises para teste das hipóteses, calculou-se o índice de fiabilidade ( $\alpha$  de Cronbach) para todas as escalas utilizadas. Os valores encontrados consideram-se satisfatórios e próximos dos obtidos pelos autores nos trabalhos de aferição para a população portuguesa (Tabela 1), à exceção do EMBU-C, ainda que a autora Lacerda (2005) se tenha referido a variações entre .24 e .92.

*Tabela 1*

*Valor de fiabilidade ( $\alpha$  de Cronbach) - para as escalas utilizadas*

<b>Escala</b>	<b>Alfa de Cronbach</b>	<b>N.º de itens</b>
KINDL	.784	24
EMBU-C	.814	32
EMBU-A	.387	48

#### 3.2. ANÁLISE DESCRITIVA

##### 3.2.1. *Qualidade de vida*

Como podemos constatar na Tabela 2, em ambos os géneros, na idade dos 7 aos 12 anos, a dimensão bem-estar emocional e a dimensão amigos são aquelas que apresentam médias ligeiramente mais elevadas, podemos também analisar que se confere o mesmo na versão dos autores originais. No que respeita à idade dos 13 aos 16 anos, podemos observar que na versão dos autores originais a média mais elevada regista-se na dimensão amigos, no género feminino, e na dimensão bem-estar emocional, no género masculino. Nesta investigação, observámos médias mais altas na dimensão família em ambos os géneros.

Tabela 2

Média e desvio padrão da qualidade de vida em função do género e idade

	Crianças (7-12 anos) *		Adolescentes (13-16 anos)*		Crianças (7-12 anos)		Adolescentes (13-16 anos)	
	Fem M (DP)	Masc. M (DP)	Fem. M (DP)	Masc. M(DP)	Fem. M (DP)	Masc. M(DP)	Fem. M (DP)	Masc. M (DP)
<b>Bem estar físico</b>	80.62 (15.69)	80.62 (16.95)	69.14 (18.74)	75.00 (10.94)	85.55 (16.66)	81.36 (12.46)	77.14 (11.85)	70.00 (14.14)
<b>Bem estar emocional</b>	87.81 (9.40)	86.56 (9.78)	78.91 (13.48)	82.42 (11.68)	90.55 (12.36)	89.54 (14.04)	82.85 (11.85)	85.00 (7.07)
<b>Autoestima</b>	55.62 (20.16)	68.75 (19.24)	50.78 (20.26)	51.95 (18.78)	78.88 (15.36)	82.72 (16.63)	54.28 (16.43)	67.50 (10.60)
<b>Família</b>	78.44 (10.03)	79.06 (13.79)	73.05 (24.44)	78.98 (16.59)	86.11 (12.44)	81.81 (8.44)	89.28 (14.84)	87.50 (17.67)
<b>Amigos</b>	85.31 (13.64)	79.06 (15.61)	79.30 (9.96)	80.86 (14.52)	91.11 (15.36)	85.00 (19.10)	83.57 (13.75)	85.00 (7.07)
<b>Escola</b>	71.25 (17.84)	69.69 (22.05)	50.00 (13.31)	53.12 (21.77)	66.11 (12.44)	62.27 (10.33)	55.00 (15.00)	75.00 (35.35)
<b>Total</b>	76.51 (8.91)	77.29 (8.78)	66.86 (8.75)	70.38 (9.21)	99.66 (13.98)	96.54 (11.1)	88.42 (13.51)	94.00 (18.38)

Legenda: Fem = Feminino; Masc.= Masculino

\* Valores de referência segundo Ferreira, Almeida, Pisco e Cavalheiro, 2006.

### 3.2.2. Estilos parentais percebidos pelas crianças

Tal como na investigação de Canavarro e Almeida (2007), também os nossos resultados, de uma forma geral, evidenciaram crianças com níveis mais elevados na dimensão suporte emocional.

Canavarro e Pereira (2007) chegaram a valores médios relativos ao pai de  $M=44.00 (\pm 7.20)$  no suporte emocional, de  $M=11.47 (\pm 3.01)$  na rejeição e  $M=22.66 (\pm 24.23)$  na tentativa de controlo. Os valores que se referem à mãe são os seguintes: suporte emocional  $M= 42.96$  e  $(\pm 7.71)$ ; rejeição  $M=12.36 (\pm 3.20)$  e tentativa de controlo  $M= 24.23 (\pm 5.21)$ . Nesta investigação, obtivemos médias mais elevadas em ambas as dimensões, tanto no género feminino como no género masculino comparativamente aos valores de Canavarro e Pereira (Tabela 3), contudo podemos verificar que a dimensão suporte emocional é a que apresenta valores mais elevados em ambas as investigações.

Tabela 3

Média e desvio padrão no Embu C segundo o género

	<b>Feminino *</b>	<b>Masculino*</b>	<b>Feminino</b>	<b>Masculino</b>
	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>	<b>M (DP)</b>
<b>PAI</b>				
<b>Suporte Emocional</b>	44.00 (7.20)	42.96 (7.71)	97.62 (8.14)	97.62 (8.14)
<b>Rejeição</b>	11.47 (3.01)	12.36 (3.20)	23.00 (6.04)	23.00 (6.04)
<b>Tentativa de Controlo</b>	22.66 (5.03)	24.23 (5.21)	48.00 (5.23)	48.00 (5.23)
<b>MAE</b>				
<b>Suporte Emocional</b>	45.52 (6.46)	43.52 (7.27)	89.00 (15.86)	89.00 (15.86)
<b>Rejeição</b>	11.73 (3.20)	11.73 (3.20)	25.10 (6.98)	25.10 (6.98)
<b>Tentativa de Controlo</b>	24.18 (5.05)	24.97 (4.99)	53.50 (9.87)	53.50 (9.87)

\* Valores obtidos na aferição por Canavarro e Pereira (2007), numa amostra de 205 sujeitos.

### 3.2.3 Estilos parentais percebidos pelos adolescentes

Num estudo levado a cabo por Magalhães, em 2012, com uma amostra de 149 sujeitos, obtiveram-se os seguintes resultados: Suporte emocional  $M=36.03 (\pm 13.43)$ ; Sobreproteção:  $M=40.42 (\pm 6.16)$ ; Rejeição=  $65.69 (\pm 9.64)$ ; Total:  $M=123.24 (\pm 6.14)$ .

Na Tabela 4, podemos verificar que as médias em todas as dimensões são mais elevadas no presente estudo, sendo a dimensão rejeição a que apresenta uma média mais elevada em ambas investigações.

Tabela 4

Média e desvio padrão no Embu A

	<b>M (DP)*</b>	<b>M (DP)</b>
<b>Suporte Emocional</b>	36.03 (13.43)	62.00 (25.69)
<b>Sobreproteção</b>	40.42 (6.16)	49.90 (9.96)
<b>Rejeição</b>	65.69 (9.64)	136.70 (11.36)
<b>Total</b>	123.24 (16.14)	248.60 (21.99)

\* Valores de Magalhães, 2012, numa amostra de 149 sujeitos

### 3.3. ANÁLISE INFERENCIAL

#### 3.3.1. Qualidade de vida em função do gênero

A nossa hipótese 1 é confirmada pelos resultados (Tabela 5), uma vez que não existem diferenças significativas na qualidade de vida em função do gênero, tanto no score global como nas diferentes subescalas, não indo desta forma ao encontro da literatura, que nos diz que o gênero é uma das várias variáveis que têm influência na qualidade de vida (Gaspar, Matos, Ribeiro & Leal, 2006).

Tabela 5

Comparação da qualidade de vida em função do gênero (Teste Mann - Whitney)

	Bem-estar físico	Bem-estar emocional	Autoestima	Família	Amigos	Escola	Total qualidade de vida
U	101.000	98.000	67.000	76.500	105.500	88.500	103.000
P	.688	.590	.067	.149	.828	.344	.753

#### 3.3.2. Estilos parentais em função do gênero

Igualmente para os estilos parentais, o gênero não se evidencia como uma variável discriminadora, confirmando-se a hipótese 2 (Tabela 6). Na literatura, existem diversas opiniões entre pesquisadores, no que respeita à influência do gênero na decisão do investimento parental, sendo os dados inconclusivos (Soares & Almeida, 2011, cit. por Gonçalves, 2013). Contudo, Keller e Zach (2002, cit. por Simões, 2007) alegam que pesquisas recentes têm evidenciado que o gênero do filho não é uma variável forte na determinação do investimento parental.

Tabela 6

Comparação dos estilos parentais em função do género ( Teste Mann - Whitney)

	Suporte emocional	Rejeição	Controlo	Total EMBU-C	Suporte emocional	Sobre proteção	Rejeição	Total EMBU-A
U	28.000	32.500	28.500	38.000	6.000	7.000	8.000	5.000
P	.285	.499	.304	.859	.596	.793	1.000	.433

### 3.3.3 Qualidade de vida em função das pessoas com quem a criança vive

Relativamente à hipótese 4, também a confirmamos, pois não existem diferenças significativas na qualidade de vida em função de com quem a criança vive (Tabela 7).

Tabela 7

Comparação da qualidade de vida em função de com quem a criança vive ( Teste Mann- Whitney)

	Bem-estar físico	Bem-estar emocional	Autoestima	Família	Amigos	Escola	Total qualidade de vida
U	56.000	72.000	73.500	54.500	65.500	58.500	57.000
P	.130	.440	.494	.111	.274	.155	.146

### 3.3.4. Estilos parentais em função de com quem a criança vive

Os nossos resultados também não evidenciam diferenças nas subamostras relativas às pessoas com quem a criança vive no que respeita aos estilos parentais, confirmando-se, mais uma vez, a hipótese formulada (Tabela 8). Porém, segundo a literatura, existem diferenças nas práticas parentais relativamente a pais/mães casados, em relação aos que apenas coabitam, os segundos demonstram um estilo parental mais permissivo e negligente (Grigorenko & Sternberg, 2000 cit.por Arsénio,2012).

Tabela 8

Comparação dos estilos parentais em função de com quem a criança/ jovem vive ( Teste Mann - Whitney)

	Suporte emocional	Rejeição	Controlo	Total EMBU-C	Suporte emocional	Sobre proteção	Rejeição	Total EMBU-A
U	10.000	22.000	22.000	18.500	9.500	9.500	10.000	9.000
P	.138	.952	.952	.635	.817	.819	.908	.732

### 3.3.5. Qualidade de vida e idade

Relativamente às relações entre qualidade de vida e idade, encontraram-se correlações negativas significativas e moderadas (Tabela 9) apenas com a dimensão autoestima, infirmo-se parcialmente a nossa hipótese, uma vez que não se registou qualquer outro valor significativo. Com efeito, a autoestima apresenta uma diminuição à medida que a idade avança. Tal como no enquadramento teórico referimos, a idade é uma das variáveis que influencia o bem-estar subjetivo, este conceito que tem uma estreita ligação com a qualidade de vida. A autoestima é essencial para o desenvolvimento da criança e do jovem, pois é fundamental no bem-estar, esta diminuição da autoestima, a medida que a idade avança pode ser justificada devido à aproximação da adolescência. Petroski, Pelegrini e Glaner (2012) referem que este período da adolescência é caracterizado por transformações biológicas, físicas, psicológicas e sociais. Várias pesquisas têm revelado uma prevalência de insatisfação com a imagem corporal, trazendo aspetos negativos na vida dos indivíduos, principalmente no que se refere ao comportamento alimentar, psicossocial, físico, cognitivo e autoestima.

Tabela 9

Correlações entre qualidade de vida e idade

	Idade	
	Rho de Spearman	-.606**
P	.000	
<b>Dimensão Autoestima</b>		

\*\* - A correlação é significativa no nível 0,01

### 3.3.6. Estilos educativos parentais em função da idade

No que respeita à hipóteses 6 (não há correlações significativas entre a idade e os estilos parentais), verificamos que se confirma, uma vez que não se registam correlações significativas ( $p \leq 0.05$ ) entre os estilos educativos parentais e a idade, não indo assim ao encontro da literatura, esta que nos diz que a idade parece influenciar os estilos parentais, na medida em que com o decorrer da adolescência, a relação pais/mães-filhos torna-se mais igualitária, percecionando se um menor controlo e autoridade parental ( Soares & Almeida, 2011).

### 3.3.7. Estilos parentais e qualidade de vida

No que respeita à hipótese 7, verificamos que não se confirma, pois encontraram-se correlações significativas negativas, de moderadas a fortes, entre as dimensões de ambas as escalas, como podemos observar na Tabela 10. Primeiro importa elucidar que as correlações nos indicam como duas variáveis variam conjuntamente. São indicadoras que atendem à necessidade de se estabelecer a existência ou não de uma relação entre essas variáveis (Lira, 2004). Os resultados significativos que obtivemos vão ao encontro do enquadramento teórico, onde expomos as relações existentes entre os estilos educativos parentais e a qualidade de vida.

Tabela 10

Correlações entre estilos parentais e qualidade de vida

		Bem-estar físico	Bem-estar emocional	Autoestima	Família	Amigos	Escola	Total qualidade de vida
<b>EmbuC Suporte emocional I</b>	rho			.483*	.681**	.680*		.592**
	p			.042	.002	.002		.010
<b>EmbuC Rejeição</b>	rho	-.658**	-.513*	-.571*				-.600**
	p	.003	.030	.013				.009
<b>EmbuC Controlo</b>	rho						-.581*	
	p						.011	

<b>Total EmbuC</b>	rho		- .503*	- .497	
	p		.033	.036	
<b>EmbuA Rejeição</b>	rho	- .772**	- .646**	- .685*	- .669*
	p	.009	.044	.029	.034

---

\*\* - A correlação é significativa no nível 0,01

\* - A correlação é significativa no nível 0,05

## CONCLUSÃO

O estudo dos estilos educativos parentais tem sido aprofundado nas últimas décadas, concedendo-lhes uma influência significativa no desenvolvimento da criança/jovem. O estilo educativo parental autoritativo é aquele que é apontado como o mais adequado para uma boa educação dos filhos e caracteriza-se por uma posição de controlo, mas também, por uma posição de compreensão. É necessário que os pais/mães ou cuidadores tenham conhecimentos acerca das práticas educativas que utilizam na educação dos filhos, por isso, compreende-se e justifica-se a importância da existência de programas de educação parental no sentido de promover boas práticas, para potenciar a capacidade de responder positivamente às necessidades das crianças/jovens, favorecendo a sua qualidade de vida, bem-estar e desenvolvimento mais apropriado.

Os resultados obtidos neste trabalho evidenciam a ausência de diferenças significativas, tanto qualidade de vida como nos estilos educativos parentais, em função do género e das pessoas com quem a criança/jovem vive. Porém, obtivemos correlações entre a idade e a dimensão da qualidade de vida relativa à autoestima. Encontrámos, igualmente, correlações significativas entre a qualidade de vida e os estilos educativos parentais, indo estes resultados ao encontro da literatura.

Importa referir que a principal limitação deste estudo, foi a sua amostra, de conveniência e também um pouco reduzida. Fica assim um contributo para esta temática, que pensamos que será útil ter continuidade com uma amostra mais alargada. É essencial que todos os pais/mães ou cuidadores tenham conhecimentos acerca das práticas que utilizam na educação dos seus filhos, pois estas terão influência nas suas vidas.

## BIBLIOGRAFIA

Afonso, A., & Nunes, C. (2011). *Estatística e Probabilidades - Aplicações e Soluções em SPSS*. Lisboa: Escolar Editora.

Almeida, A. (2011). *Quando o vínculo é doença: a influência da dinâmica familiar na modalidade da aprendizagem do sujeito*. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n86/11.pdf>

Araújo, J., Dourado, M., & Ferreira, P. (2015). *Instrumentos de Medição da Qualidade de Vida em Idade Pediátrica em Cuidados Paliativos*. Obtido de <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MZJGx2Z0q7MJ:www.actamedicaportuguesa.com/revista/index.php/amp/article/download/5395/4426+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>

Arsénio, C. (2012). *Paternidade na Infância: Envolvimento Paterno e Estilos Parentais Educativos em Pais de Crianças em Idade Escolar* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8180/1/ulfpie043206\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8180/1/ulfpie043206_tm.pdf)

Bardagi, M. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2147/000315102.pdf?sequencia=1>

Baumrind, D. (1996). *Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior*. Obtido de [http://arowe.pbworks.com/f/baumrind\\_1966\\_parenting.pdf](http://arowe.pbworks.com/f/baumrind_1966_parenting.pdf)

Barroso, R., & Machado, C. (2010). *Definições, dimensões e determinantes da parentalidade*. Obtido de <https://digitalisdsp.uc.pt/bitstream/10316.2/3447/7/13%20-%20Defini%C3%A7%C3%B5es,%20dimens%C3%B5es%20e%20determinantes%20da%20parentalidade.preview.pdf?ln=pt-pt>

Bell, J. (2010). *Como realizar um projeto de investigação-trajectos*. Lisboa: Gradiva.

Bem, L., & Wagner, A. (2006). *Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico*. Obtido de

<http://www.institutounipac.com.br/aulas/2012/1/UBSOC05N1/000229/000/Parentalidade.pdf>

Borges, I. (2010). *Qualidade da parentalidade e bem-estar da criança* (Dissertação de mestrado). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15564/1/ana.pdf>

Brás, P. (2008). *Um olhar sobre a parentalidade (estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais actuais* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/743/1/17380\\_Tese\\_de\\_Mestrado\\_Patricia\\_Bras.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/743/1/17380_Tese_de_Mestrado_Patricia_Bras.pdf)

Canavarro, M., & Pereira, A. (2007). *A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C*. Obtido de [http://www.aidep.org/03\\_ridep/R24/R2410.pdf](http://www.aidep.org/03_ridep/R24/R2410.pdf)

Cardeira, A. (2012). *Educação emocional em contexto escolar*. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserlIn8/serlIn8a16.pdf>

Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCgQFjAAahUKEwj6h9i\\_gfLIAhVE2hoKHaDaAJQ&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F59%2F59137%2Fde-14122013-105111%2Fpublico%2FMESTRADO\\_CYNTHIA\\_CASSONI.pdf&usg=AFQjCNGLeUAZyFhvjCbFRyCuTvVM6K7I2Q](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCgQFjAAahUKEwj6h9i_gfLIAhVE2hoKHaDaAJQ&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F59%2F59137%2Fde-14122013-105111%2Fpublico%2FMESTRADO_CYNTHIA_CASSONI.pdf&usg=AFQjCNGLeUAZyFhvjCbFRyCuTvVM6K7I2Q)

Cecconello, A., Antoni, C., & Koller, S. (2003). *Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa07>

Conceição, L. (2012). *Estilos educativos parentais (EMBU-A), sintomatologia depressiva/ansiosa, stress e autoestima, numa amostra de adolescentes* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://repositorio.ismt.pt/bitstream/123456789/276/1/Tese%20mestrado.pdf>

- Contente, P. (2012). *Bem-estar, qualidade de vida e saúde mental: estudo descritivo na cidade da Horta* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5049/TeseMestrado\\_PContente-Bem-estar,%20Qualidade%20de%20vida%20e%20Sa%C3%BAde%20Mental.pdf?sequence=1](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5049/TeseMestrado_PContente-Bem-estar,%20Qualidade%20de%20vida%20e%20Sa%C3%BAde%20Mental.pdf?sequence=1)
- Coutinho, I., Santos, M., & Gaspar, M. (2012). *Educação parental com famílias maltratantes: Que potencialidades?*. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v30n4/v30n4a04.pdf>
- Coutinho, M. (2004). *Apoio à família e formação parental*. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v22n1/v22n1a06.pdf>
- Dessen, M., & Polonia, A. (2007). *A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>
- Dias, A. (2013). *Práticas educativas parentais: influência no desempenho académico, qualidade de vida e autoestima de estudantes do ensino secundário* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/153/2/TMPS%2013.pdf>
- Dittmers, D. (2007). *Parentalidade*. Obtido de <http://www.palavraescuta.com.br/textos/parentalidade>
- Fernandes, F. (2011). *Educação Parental: aplicação de um programa* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/331/1/MestradoFabianaFernandes.pdf>
- Ferrari, J. (2015). *Papel dos pais na educação: a dimensão emocional da formação*. Obtido de <http://www.brasilecola.com/psicologia/papel-dos-pais-na-educacao.htm>

- Ferreira, P., Almeida, M., Pisco, M., & Cavalheiro, L. (2006). *Qualidade de vida de crianças e adolescentes. Adaptação cultural e validação da versão portuguesa do KINDL*. Obtido de <http://actapediatrica.spp.pt/article/view/4790/3593>
- Freitas, C. (2012). *Estilos Parentais e a Adaptação Psicossocial da Criança ao Pré-Escolar* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2563/1/14301.pdf>
- Gaspar, D. (2004). *Human Well-being: Concepts and Conceptualizations*. Obtido de <http://www.rrojasdatabank.info/unudp04/dp2004-006.pdf>
- Gaspar, T., Matos, M., Ribeiro, J. & Leal, I. (2006). *Qualidade de vida e bem-estar em crianças e adolescentes*. Obtido de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872006000200005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872006000200005&script=sci_arttext)
- Gaspar, T., & Matos, M. (2008). *Qualidade de vida em Crianças e Adolescentes - Versão Portuguesa dos Instrumentos KIDSCREEN-52*. Obtido de <http://www.fmh.utl.pt/aventurasocial/pdf/Qualidade.de.Vida.KIDSCREEN.pdf>
- Gavia, B. (2013). *Identidade e bem-estar emocional*. Obtido de <http://www.fsdwn.org.br/artigo/identidade-e-bem-estar-emocional/>
- Giacomoni, C. (2004). *Bem-estar subjetivo: em busca da qualidade de vida*. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v12n1/v12n1a05.pdf>
- Gomes, M. (2010). *(Des)Complexificando os Estilos Parentais – com Pais Casados e Pais Divorciados/Separados* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2499/1/ulfp035810\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2499/1/ulfp035810_tm.pdf)
- Gomes, C. (2011). *Práticas parentais positivas como estratégia para o aprendizado de comportamentos pró-sociais*. Obtido de <http://www.revistahumanum.org/revista/wp-content/uploads/2012/03/qYU4sRoArzbrasil-cassia.pdf>

- Gonçalves, A. (2013). *Estilos Parentais e o seu Impacto no Sucesso Escolar dos Alunos: Um estudo numa escola TEIP 2* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/3840/1/pronta.pdf>
- Guerreiro, A. (2013). *O papel das práticas parentais no desenvolvimento e no bem-estar subjetivo da criança* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3693/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Ana%20Guerreiro.pdf](http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3693/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Ana%20Guerreiro.pdf)
- Juan, C. (2009). *Metodologia Científica e Tecnológica*. Obtido de <http://www.dsce.fee.unicamp.br/~antenor/mod3.pdf>
- Kamers, M. (2006). *As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais*. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v11n21/v11n21a08.pdf>
- Lacerda, M.I.M.C. (2005). *A perceção das práticas parentais pelos adolescentes: implicações na perceção de controlo e nas estratégias de coping* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Lisboa, Portugal. Obtido de [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/726/3/17427\\_Tese\\_Finalissima.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/726/3/17427_Tese_Finalissima.pdf)
- Lankard, A. (1995). Family Role in Career Development. *ERIC Digest*, 164. Obtido de <http://www.ericdigests.org/1996-3/family.htm>
- Laureano, R., & Botelho, M. (2012). *SPSS - O Meu Manual de consulta Rápida*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Laureano, R. (2013). *Testes de Hipóteses com o SPSS - O Meu Manual de Consulta Rápida*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Leça, A., Perdigão, A., Laranjeira, A., Menezes, B., Velez, C., Veloso, C., Oliveira, D., Branco, E., & Jardim, H. (2011). *Maus Tratos em Crianças e Jovens - Guia Prático de Abordagem, Diagnóstico e Intervenção*. Obtido de [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:EI1PI95HSOIJ:www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/doc-guia\\_maus-tratos\\_2-marco-2011-12h-pdf.aspx+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=us](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:EI1PI95HSOIJ:www.dgs.pt/accao-de-saude-para-criancas-e-jovens-em-risco/ficheiros-externos/doc-guia_maus-tratos_2-marco-2011-12h-pdf.aspx+&cd=3&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=us)

Lei 142/ 2015 de 8 de Setembro, segunda alteração à Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, aprovada pela Lei n.º 147/ 99, de 1 de Setembro.

Lima, J., & Pacheco, J. (2006). *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de observações e teses*. Porto: Porto editora.

Lima, I., Alarcão, M., Almeida, A., Brandão, M., Cruz, A., Gaspar, M. & Santos, M. (2010). *Avaliação de intervenções de educação parental*. Obtido de [http://www.cnpcjr.pt/preview\\_documentos.asp?r=3496&m=PDF](http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=3496&m=PDF)

Lira, S. (2004). *Análise de correlação: abordagem teórica e de construção dos coeficientes com aplicações* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/dissertacao\\_sachiko.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/dissertacao_sachiko.pdf)

Lucca, E. (2004). *Habilidade social: uma questão de qualidade de vida*. Obtido de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0224.pdf>

Macarini, S., Martins, G., Minetto, M., & Vieira, M. (2009). *Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira*. Obtido de <http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/436/403>

Magalhães, B. (2012). *Avaliação das práticas educativas parentais em famílias negligentes e/ou abusivas* (Dissertação de mestrado). Obtido de <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/22523/1/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20das%20pr%C3%A1ticas%20educativas%20parentais%20em%20fam%C3%ADlias%20negl.pdf>

Maggi, B. (2006). *Bem-estar*. Obtido de <http://laboreal.up.pt/pt/dictionary/?letter=B>

Martins, P. (2004). *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco* (Tese de doutoramento). Obtido de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3238/1/1.%20Parte%20te%C3%B3rica.pdf>

Massola, R. (s.d). *O que é a qualidade de vida? Podemos medi-la*. Obtido de <http://www.ricardomassola.com.br/o-que-e-qualidade-de-vida-podemos-medi-la>

Minayo, M., Hartz, Z., Buss, P. (2000). *Qualidade de vida e saúde: um debate necessário*. Obtido de <http://www.scielo.org/pdf/csc/v5n1/7075.pdf>

- Mondin, E. (2008). *Práticas educativas parentais e seus efeitos na criação dos filhos*. Obtido de [www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=2498&dd99=pdf](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=2498&dd99=pdf)
- Nobre, M. (1995). *Qualidade de vida*. Obtido de <http://www.arquivosonline.com.br/pesquisartigos/Pdfs/1995/v64N4/64040002.pdf>
- Nunes, M. (2015). *Estilos Parentais e Stress Parental em Pais com Crianças em Idade Precoce* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4756/1/TESE%20FINAL%20-%20PDF.pdf>
- Oliveira, T., & Caldana, R. (2004). *Mães psicólogas ou psicólogas mães: vicissitudes na educação dos filhos*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a21v09n3.pdf>
- Oliveira, V. (2014). *Bem-estar e Qualidade de Vida de Crianças em Contextos de Pobreza* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35891/1/Vitor%20Hugo%20Pereira%20de%20Oliveira.pdf>
- Paula, J. (2012). *Estilos parentais, inteligência emocional e o enfant terrible – relações, implicações e reflexões*. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserlIn8/serlIn8a16.pdf>
- Pereira, A., & Patrício, T. (2013). *Guia Prático de Utilização do SPSS - Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Pereira, E., Teixeira, C., Santos, A. (2012). *Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/07.pdf>
- Petroski, E., Pelegrini, A. & Glaner, M. (2012). *Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescente*. Obtido de <http://www.scielo.org/pdf/csc/v17n4/v17n4a28.pdf>
- Rauen, F. (2012). *Pesquisa Científica: Discutindo a Questão das Variáveis*. Obtido de [http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos\\_IV%20sfp/\\_F%C3%A1bio\\_Rauen.pdf](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_IV%20sfp/_F%C3%A1bio_Rauen.pdf)

- Reis, V. (2009). *Crianças e Jovens em Risco (Contributos para a organização de critérios de avaliação de factores de risco)*. Obtido de <https://eg.sib.uc.pt/bitstream/10316/11781/1/tese%20versao%20reformulada%20final2.pdf>
- Rivero, C. (2006). *Estilos parentais - diferentes formas de educar*. Obtido de <http://catarinarivero.com/artigos/Estilos-Parentais.pdf>
- Rodrigues, S. (2008). *Impacto da vitimação infantil: avaliação do ajustamento global em crianças maltratadas* (Dissertação de mestrado). Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/22425/4/DiseertaoMestradopdf.pdf>
- Rosa, M. (2013). *Estilos parentais e problemas psicopatológicos em adolescentes* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3535/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_estilos%20parentais%20e%20problemas%20psicopatol%C3%B3gicos.pdf](http://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3535/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_estilos%20parentais%20e%20problemas%20psicopatol%C3%B3gicos.pdf)
- S.A. (s.d.). *Guia de práticas parentais positivas*. Obtido de <http://www.dhsspsni.gov.uk/top-tips-teenagers-portugese-translation.pdf>
- Sampaio, I. (2007). *Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização*. Obtido de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v17n2/15.pdf>
- Sampaio, D., Cruz, H., Carvalho, M. (s.d). *Programa Gulbenkian de desenvolvimento humano*. Obtido de <http://gulbenkian.pt/projecto/criancas-e-jovens-em-risco-6/>
- Sakuramoto, S., Squassoni, C., & Matsukura, T. (2014). *Apoio social, estilo parental e a saúde mental de crianças e adolescentes*. Obtido de [http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo\\_saude/155562/A05.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/155562/A05.pdf)
- Salvio, C., Silvanes, E., & Toni, P. (2005). *Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social*. Obtido de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000200008&script=sci_arttext)
- Salvo, C., Silvanes, E., & Toni, P. (2005). *Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social*. Obtido de [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000200008&script=sci_arttext)

- Salvo, C. (2010). *Práticas educativas parentais e comportamentos de proteção e risco à saúde dos adolescentes* (Tese de doutoramento). Obtido de <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10660013>
- Silva, A., Silveira, F., & Marturano, E. (2008). *Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento*. Obtido de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452008000200002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-55452008000200002&script=sci_arttext)
- Silva, S. (2009). *Famílias de risco, Crianças de risco? Representações das crianças acerca da família e do risco* (Dissertação de mestrado). Obtido de [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10966/1/Tese\\_Sofia\\_Silva\\_Nov.09\\_UM.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10966/1/Tese_Sofia_Silva_Nov.09_UM.pdf)
- Silva, A., & Esteves, J. (2012). *Parentalidade Positiva Eu, tu, ele/a, nós, vós e eles/as?*. Obtido de [http://www.cesis.org/admin/modulo\\_news/ficheiros\\_noticias/20130306111250-1parentalidadepositiva.pdf](http://www.cesis.org/admin/modulo_news/ficheiros_noticias/20130306111250-1parentalidadepositiva.pdf)
- Simões, S. (2011). *Influência dos estilos educativos parentais na qualidade de vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família* (Tese de doutoramento). Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56783/2/Tese%20PhD%20Sonia%20Simoies.pdf>
- Soares, A., Martins, A., Lopes, M., Britto, J., Oliveira, C., & Moreira, M. (2009). *Qualidade de vida de crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n7/19.pdf>
- Soares, D. & Almeida, L. (2011). *Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência*. Obtido de [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15346/1/Percep%C3%A7%C3%A3o%20dos%20estilos%20educativos%20parentais\\_sua%20varia%C3%A7%C3%A3o%20ao%20longo%20da%20adolesc%C3%Aancia.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15346/1/Percep%C3%A7%C3%A3o%20dos%20estilos%20educativos%20parentais_sua%20varia%C3%A7%C3%A3o%20ao%20longo%20da%20adolesc%C3%Aancia.pdf)
- Soares, S. (2012). *Estilos Parentais: Percepções entre Pais e Filhos* (Dissertação de mestrado). Obtido de <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2586/1/14064.pdf>
- Tavares, A. (2010). *Desenvolvimento psicossocial das crianças do pré-escolar estudo de caso jardim infantil sos são domingos*. Obtido de

<http://www.portaldocohecimento.gov.cv/bitstream/10961/1952/1/trabalho%20de%20fim%20do%20curso%20%C3%82ngela%20Tavares.pdf>

Trindade, I., & Teixeira, J. (1998). *Psicologia da saúde infantil*. Obtido de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v16n1/v16n1a16.pdf>

Unicef. *A Convenção sobre os direitos da Criança*.

Vaz, A. (2011). *Vinculação conjugal e estilos parentais em pais de filhos com e sem deficiência visual* (Dissertação de mestrado). Obtido de [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAAahUKEwjJ4q\\_rhvLIAhUC2xoKHeVxDss&url=http%3A%2F%2Frepositorio.ul.pt%2Fbitstream%2F10451%2F5135%2F1%2Fulpie039722\\_tm.pdf&usq=AFQjCNFIhUCc93RPCntTDYYF3OptkQ9cLQ](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAAahUKEwjJ4q_rhvLIAhUC2xoKHeVxDss&url=http%3A%2F%2Frepositorio.ul.pt%2Fbitstream%2F10451%2F5135%2F1%2Fulpie039722_tm.pdf&usq=AFQjCNFIhUCc93RPCntTDYYF3OptkQ9cLQ)

Weber, L., Brandenburg, O., & Viezzer, A. (2003). *A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v8n1/v8n1a10.pdf>

Weber, L., Prado, P., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). *Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos*. Obtido de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a05v17n3.pdf>

Weber, L. (s.d). *Estilos e práticas parentais e determinantes para o desenvolvimento e socialização de crianças e adolescentes*. Obtido de <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:DTk3XbwbMegJ:veja.abril.com.br/idade/exclusivo/051005/pesquisas.doc+&cd=16&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>

Zornig, S. (2010). *Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade*. Obtido de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010)

# **ANEXOS**

## Anexo A - Kid Kindl ( Children)



Escolhe a resposta que melhor se adequa e põe uma cruz no

<b>Por exemplo:</b>	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
Na última semana apeteceu-me comer um gelado				X	

quadrado que está por baixo.

### 2.1. Primeiro que tudo, gostávamos de saber umas coisas sobre a tua saúde ...

<b>Na última semana....</b>	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...senti-me doente					
2. ...tive dores de cabeça ou de barriga					
3. ...andei cansado/a e esgotado/a					
4. ...senti-me forte e cheio/a de energia					

### 2.2. ... depois algumas coisas sobre como te tens sentido em geral ...

<b>Na última semana....</b>	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...diverti-me e ri-me imenso					
2. ...andei aborrecido/a					
3. ...senti-me só					
4. ...tive medo					

### 2.3. ... e o que tens sentido sobre ti próprio.

<b>Na última semana....</b>	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...tive orgulho em mim próprio/a					
2. ...senti-me o/a maior					

3. ...senti-me satisfeito/a comigo próprio/a					
4. ...tive montes de boas ideias					

**2.4. As perguntas seguintes são sobre a tua família ...**

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...dei-me bem com os meus pais					
2. ...senti-me bem em casa					
3. ...discutimos em casa					
4. ...os meus pais não me deixaram fazer algumas coisas					

**2.5. ... e depois sobre os teus amigos...**

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...brinquei com os meus amigos					
2. ... os outros miúdos gostaram de mim					
3. ... dei-me bem com os meus amigos					
4. ... senti-me diferente das outras crianças					

**2.6. ... Por último, gostávamos de saber qualquer coisa sobre a escola.**

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ... foi fácil fazer as atividades na escola					
2. ... gostei das aulas					

3. ... andei ansioso/a pelas semanas seguintes					
4. ... tive medo de ter más notas					

## Anexo B - Kiddo Kindl ( Adolescents)

<b>Por exemplo:</b>	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
Na última semana apeteceu-me comer um gelado				X	

### 2.1. Primeiro que tudo, gostávamos de saber umas coisas sobre a tua saúde ...

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...senti-me doente					
2. ...tive dores					
3. ...andei cansado/a e esgotado/a					
4. ...senti-me forte e cheio/a de energia					

### 2.2. ... depois algumas coisas sobre como te tens sentido em geral ...

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...diverti-me e ri-me imenso					
2. ...andei aborrecido/a					
3. ...senti-me só					
4. ...tive medo ou senti-me inseguro/a					

### 2.3. ... e o que tens sentido sobre ti próprio.

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...tive orgulho em mim próprio/a					
2. ...senti-me o/a maior					
3. ...senti-me satisfeito/a comigo próprio/a					
4. ...tive montes de boas ideias					

**2.4. As perguntas seguintes são sobre a tua família ...**

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...dei-me bem com os meus pais					
2. ...senti-me bem em casa					
3. ...discutimos em casa					
4. ...senti-me limitado/a pelos meus pais					

**2.5. ... e depois sobre os teus amigos...**

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ...fiz coisas juntamente com os meus amigos					
2. ... fui um "sucesso" com os meus amigos					
3. ... dei-me bem com os meus amigos					
4. ... senti-me diferente das outras pessoas					

**2.6. ... Por último, gostávamos de saber qualquer coisa sobre a escola.**

Na última semana....	nunca	raramente	às vezes	frequentemente	sempre
1. ... foi fácil fazer as atividades na escola					
2. ... achei a escola interessante					
3. ... andei preocupado/a com o meu futuro					
4. ... andei preocupado/a com medo de ter más notas					

## Anexo C- Eгна Minnen Bertraffande Uppfostran - Children version ( EMBU-C)

# EMBU-Crianças 6-12

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança:

Agora vamos falar um pouco sobre as coisas que acontecem em tua casa. Vais explicar-me como é que te sentes, o que dizem e o que fazem os teus pais, se às vezes se aborrecem contigo, se te fazem surpresas, oferecem prendas, etc.

Aqui estão algumas perguntas a que tu vais responder dizendo se o que te é perguntado não acontece NUNCA, se acontece ALGUMAS VEZES, se acontece MUITAS VEZES, ou se acontece SEMPRE.

Vamos ver como tu respondes:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Pai ▶ Os teus pais dão-te um beijo antes de te deitares?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Pai ▶ 1. Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 2. Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 3. Se fazes algo mal, podes resolver a situação se pedires desculpa aos teus pais?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 4. Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 5. Os teus pais proibem-te de fazer coisas que os teus amigos podem fazer, por medo que te aconteça algo de mal?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 6. Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 7. Se as coisas te correm mal, achas que os teus pais te tentam compreender e ajudar?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 8. Quando fazes algo mal, os teus pais ficam tão tristes que te fazem sentir culpado?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 9. Achas que os teus pais te ajudam quando tens que fazer algo difícil?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 10. Tratam-te como o "mau da história" e deitam-te as culpas de tudo o que acontece em tua casa?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 11. Os teus pais gostavam que te parecesses com outra criança?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 12. Os teus pais demonstram-te que estão contentes contigo?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 13. Achas que os teus pais confiam em ti e te deixam decidir coisas por tua conta?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4
Pai ▶ 14. Achas que os teus pais te escutam e têm em conta as tuas opiniões?	1	2	3	4
Mãe ▶	1	2	3	4

		Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
15. Os teus pais querem que lhes contes os teus segredos?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
16. Achas que os teus pais querem ajudar-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
17. Achas que os teus pais são "forretas" e "duros" contigo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
18. Os teus pais dizem-te coisas como esta: "Se fazes isto, vou ficar muito triste"?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
19. Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
20. Os teus pais fazem alguma coisa para que te divirtas e aprendas coisas (por exemplo comprar livros, procurar que saias num passeio, etc.)?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
21. Os teus pais dizem-te que te portas bem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
22. Os teus pais dizem-te que não te compram algo para que não sejas um menino mimado?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
23. Sentes-te culpado quando não te comportas como os teus pais querem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
24. Quando estás triste os teus pais consolam-te e animam-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
25. Os teus pais dizem que não gostam da maneira como te comportas em casa?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
26. Os teus pais zangam-se ou chamam-te de preguiçoso à frente de outras pessoas?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
27. Os teus pais gostam de ti como és?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
28. Os teus pais batem-te sem motivo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
29. Os teus pais jogam contigo e participam nas tuas diversões?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
30. Os teus pais têm demasiado medo que te aconteça algo de mal?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
31. Os teus pais ficam tristes ou aborrecidos contigo sem te dizerem a razão?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
32. Se os teus pais estão contentes contigo, demonstram-te com abraços, beijos, carícias, etc.?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4

## Anexo D - Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents ( EMBU-A)

### EMBU-A

(1) Sim, a maior parte do tempo; (2) Sim, frequentemente; (3) Sim, ocasionalmente; (4) Não, nunca

		(1)	(2)	(3)	(4)
1. Os teus pais interferem em tudo o que fazes?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os teus pais demonstram que gostam de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Os teus pais gostariam que fosses diferente?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Já te aconteceu os teus pais não falarem contigo durante algum tempo depois de fazeres alguma coisa errada?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Os teus pais castigam-te por coisas sem importância?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Os teus pais pensam que tu tens de te esforçares para ires mais longe na vida?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Pensas que os teus pais gostariam que fosses diferente?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo quando fazes uma coisa estúpida, depois consegues fazer as pazes com os teus pais?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Os teus pais abraçam-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Achas que os teus pais gostam mais dos teus irmãos ou irmãs do que de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Sentes que os teus pais são mais injustos contigo do que com os teus irmãos?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Os teus pais proibem-te de fazeres coisas que os teus colegas estão autorizados a fazer, porque têm medo que te aconteça alguma coisa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Os teus pais humilham-te na presença de outras pessoas?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os teus pais preocupam-se com o que tu fazes depois das aulas?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Se a tua vida não corre bem, os teus pais tentam ajudar-te ou consolar-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Os teus pais castigam-te mais do que tu mereces?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Se fizeres alguma coisa sem autorização, os teus pais reagem de tal modo que começas a sentir-te culpado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Os teus pais mostram interesse pelas tuas notas escolares?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentes que os teus pais te ajudam se tiveres que fazer alguma coisa difícil?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Os teus pais tratam-te como a “ovelha negra” da família?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentes que os teus pais gostam de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Os teus pais pensam que tens de ser o melhor em tudo?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Os teus pais demonstram claramente que gostam de ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Pensas que os teus pais têm a tua opinião em consideração?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Sentes que os teus pais gostam de estar contigo?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Tens a sensação de que os teus pais não têm tempo para ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Tens que dizer aos teus pais o que estiveste a fazer quando chegas a casa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Sentes que os teus pais tentam que tenhas uma juventude feliz durante a qual possas aprender muitas coisas diferentes (por exemplo, através de livros, excursões, etc.)	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Os teus pais elogiam-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Sentes-te culpado porque te comportas de um modo que os teus pais desaprovam?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Sentes que os teus pais têm expectativas muito elevadas em relação ao teu desempenho escolar, desportivo, etc.?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Se te sentes infeliz, podes contar com a ajuda e compreensão dos teus pais?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. És castigado pelos teus pais mesmo quando não fizeste nada de errado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Os teus pais dizem coisas desagradáveis a teu respeito a outras pessoas, por exemplo, que és preguiçoso ou difícil?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Quando acontece alguma coisa, os teus pais culpam-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Os teus pais aceitam-te tal como tu és?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Os teus pais alguma vez lidam contigo de um modo duro e pouco amigável?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

38. Os teus pais castigam-te muito, mesmo por coisas sem importância?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Os teus pais já te deram uma bofetada sem razão?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Os teus pais interessam-se pelos teus passatempos ou por aquilo que gostas de fazer?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Os teus pais batem-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Os teus pais tratam-te de maneira que te sentes inferiorizado?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Achas que os teus pais estão sempre com medo que te aconteça alguma coisa?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Achas que tu e o teu pai/mãe gostam uns dos outros?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Os teus pais permitem que tu tenhas uma opinião diferente da deles?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Se fazes uma coisa bem feita, sentes que os teus pais têm orgulho em ti?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Os teus pais já te mandaram para a cama sem comer?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sentes que os teus pais demonstram que gostam de ti, por exemplo, abraçando-te?	Pai	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
	Mãe	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**Anexo E - Pedido de autorização para utilizar o instrumento KINDL**

Exmo. Senhor

Professor Doutor Pedro Lopes Ferreira,

Sou aluna de Mestrado de Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viseu, e encontro-me a realizar o projeto final sobre *Estilos parentais, bem-estar e qualidade de vida em crianças e jovens*, sob a orientação das Professoras Doutoradas Emília Martins e Rosina Fernandes. Nesse sentido, sou a solicitar a V. Ex<sup>a</sup>, autorização para utilização da versão portuguesa do Questionário KINDL®, na qualidade de autor da adaptação e validação.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada, estando disponível para prestar esclarecimentos adicionais entendidos por convenientes.

Com os meus respeitosos cumprimentos,

Viseu, 15 de outubro de 2015

Cristina Isabel Marques Ferreira

---

## Anexo F - Pedido de autorização para utilizar o instrumento EMBU - C

### **FORMULÁRIO EMBU-C (EMBU- versão Crianças)\***

(Versão Portuguesa de M.C. Canavarro, & A.I. Pereira, 2003; Versão original de J. Castro, J. Toro, Van Der Ende & W.A. Arrindell, 1993 )

#### **1. Identificação do Estudo/Projecto**

Estilos Parentais, bem-estar e qualidade de vida em crianças e jovens – projeto final no âmbito do mestrado em Intervenção psicossocial com crianças e jovens em risco, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu

#### **2. Identificação do Investigador Responsável [para alunos] Orientador/supervisor de projecto/tese**

Emília Martins - orientadora	
<b>Morada:</b>	Escola Superior de Educação de Viseu - Rua Maximiano Aragão. 3500 - Viseu
Email: emiliamartins@esev.ipv.pt	

#### **3. Identificação dos elementos da equipa do projecto**

Rosina Fernandes - Coorientadora
Email: rosina@esev.ipv.pt
Nome: Cristina Isabel Marques Ferreira - mestranda
E-mail: imfcristina@gmail.com

#### **4. Objectivos do Projecto**

Perceber a relação existente entre a percepção sobre os estilos educativos parentais com o bem-estar e qualidade de vida em crianças e jovens;

#### **5. Dados Metodológicos**

##### **5.1. Tipo de população**

Crianças e jovens

##### **5.2. Tamanho da amostra**

50

##### **5.3. Bateria de avaliação (outros instrumentos)**

KINDL®  
EMBU-A

\* Enviar por e-mail: mccanavarro@fpce.uc.pt

**Anexo G** - Pedido de autorização para utilizar o instrumento EMBU - A

Exma. Senhora

Professora Doutora Isabel de Sá,

Sou aluna de Mestrado de Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viseu, e encontro-me a realizar o projeto final sobre *Estilos parentais, bem-estar e qualidade de vida em crianças e jovens*, sob a orientação das Professoras Doutoradas Emília Martins e Rosina Fernandes, para o qual pretendo utilizar o instrumento EMBU-A, adaptado e validado para a população portuguesa na dissertação de mestrado *A perceção das práticas parentais pelos adolescentes: implicações na perceção de controlo e nas estratégias de coping*, de Maria Isabel Lacerda. Nesse sentido, gostaria de solicitar autorização a V. Exa, na qualidade de orientadora do referido projeto, para utilização daquele instrumento.

Agradeço, desde já, a atenção dispensada, estando disponível para prestar esclarecimentos adicionais entendidos por convenientes.

Com os meus respeitosos cumprimentos,

Viseu, 30 de outubro de 2015

Cristina Isabel Marques Ferreira

---

## Anexo H - Consentimento Informado

### CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM RECOLHA DE DADOS

Este estudo insere-se no âmbito do projeto final do Mestrado em Intervenção Psicossocial com Crianças e Jovens em Risco, na Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viseu. Tem como tema, *Estilos parentais, bem-estar e qualidade de vida em crianças e jovens* e é orientado pelas Professoras Doutoras Emília Martins e Rosina Fernandes.

Neste âmbito, pede-se autorização para que o seu educando preencha dois instrumentos de recolha de dados. O primeiro questionário, KINDL, é utilizado para medir a qualidade de vida das crianças ou jovens. O segundo, intitulado de "EMBU-Crianças" ou "EMBU-Adolescentes", pretende obter a perceção que as crianças ou jovens têm acerca dos estilos educativos dos progenitores.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são anónimos e confidenciais. Pode a qualquer momento recusar a participação do seu educando sem ter qualquer consequência.

Se quiser ter acesso aos resultados desta investigação, manifestamos a nossa disponibilidade para os divulgar em 2016.

Qualquer dúvida, não hesite em entrar em contacto através do e-mail abaixo indicado. Agradecemos a sua valiosa colaboração.

Assinatura: \_\_\_\_\_

(Cristina Isabel Marques Ferreira)

Contacto: [imfcristina@gmail.com](mailto:imfcristina@gmail.com)

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar a participação do meu educando neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito que o meu educando participe neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária serão fornecidos, confiando em que apenas serão utilizados para este fim e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pela investigadora.

Nome: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_